

## UMA ESTÉTICA DO ESPAÇO OU A LISBOA DAS GERAÇÕES DE 70 E DE 90 COMO PAISAGEM LITERÁRIA

---

MARIA RAQUEL ANDRADE  
UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Com a presente abordagem, pretende-se demonstrar que os universos urbanos que Eça de Queirós, Abel Botelho e outros escritores do séc. XIX se tornam um objeto teórico e poético de representação e um complexo texto humano, construído por sobreposições de imagens objetivas e subjetivas. Construídas pelo olhar objetivo do sujeito e pela sua imaginação e fantasia, estas representações têm também em vista a transformação da sociedade pela denúncia dos seus vícios, das suas patologias sociais, de forma a combater a “miséria portuguesa” de Oitocentos.

**Palavras-chave:** representação urbana, universos ficcionais, olhar objetivo, imaginação, fantasia.

---

This approach intends to demonstrate how the urban universe of Eça de Queirós, Abel Botelho and other writers from the 19<sup>th</sup> century has become a theoretical and poetic representation and a complex human text that is built on the overlap of subjective and objective images. Based on the objective look of the subject and his imagination and fantasy, these representations also consider the transformation of a society by denouncing its addictions and social pathologies in order to combat the “Portuguese misery” of the nineteenth century.

**Keywords:** urban representation, fictional universe, objective look, imagination, fantasy.

---

Considerar a cidade como discurso tem sido, sobretudo, a partir dos finais do séc. XIX, uma recorrência significativa na Literatura europeia e uma realidade inegável nas Letras Portuguesas, especialmente, durante os movimentos literários do realismo, do naturalismo e do modernismo em que escritores como Eça de Queiroz ou Cesário Verde, Abel Botelho, Fernando Pessoa, por exemplo, desenvolvem universos ficcionais de tal forma requintados que despertariam necessariamente “a ilusão do gozo” e onde, para continuar a citar Eça, “o homem do século XX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver” (*A Cidade e as Serras* 378).

Mas é também verdade que a representação urbana não pode desprender-se da sua inserção, como espaço, no mundo dos signos, ou seja, numa dimensão simbólica que decorre da ficção e do imaginário; da interação entre espaço urbano e sujeito; entre espaço citadino e tipos humanos, tendo sempre em conta os costumes sociais, a cultura, a memória, as ideias, as utopias dos que o habitam. E também não lhe é alheio um sentimento de perda: perda de um passado individual e coletivo, que se traduz na atrofia da experiência do leitor, como diria Walter Benjamin que parte do princípio de que “a cidade enquanto paisagem tem a imaginação como uma faculdade fundamental da sua interpretação” (1989: 31), o que equivale a dizer que o espaço urbano se torna um objeto teórico e poético de representação e um complexo texto humano, construído por sobreposições de imagens objetivas e subjetivas.

Com efeito, às imagens captadas pelo olhar objetivo e “fotográfico” daquele que observa a cidade, juntam-se imagens subjetivas que decorrem da sua imaginação, fantasia e alienação; das suas esperanças, sonhos e medos, visto que as imagens captadas não são nunca, e só, as que decorrem da relação direta do sujeito com a cidade. O que está, verdadeiramente, em causa é a transformação da sociedade pela denúncia dos seus vícios, das suas patologias sociais, de forma a combater a “miséria portuguesa” de Oitocentos.

É inegável a contribuição de Baudelaire como criador de um paradigma de cidade moderna e é esse paradigma, sublinhado por Walter Benjamin, que norteia, também, na nossa perspectiva, mas *avant la lettre*, o olhar de Eça de Queiroz sobre Paris ou Lisboa. Trata-se do olhar do *flâneur*, que caminha, envolvido com as coisas, entregue ao devaneio, dividido entre a atração e a repulsa que a cidade lhe causa.

Sem ter de ser autobiográfico, antes devendo desprender-se dessa referência, o sujeito que passeia por Paris ou Lisboa é, na narrativa queirosiana, o burguês que se civilizou, depois de ter abandonado o campo, e de se instalar na cidade, concentrando nela, excessivamente, a sua atenção e deixando-se transportar pelo ritmo brusco e acelerado da urbe. É o que acontece a Jacinto cujas expectativas em relação à Civilização, na cidade de Paris, acabam por resolver-se em desilusão e dor. Na verdade, perante uma tecnologia que lhe facilitaria a vida, a personagem cai frequentemente na apatia e no tédio, como o constata Zé Fernandes: “O meu príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris: - e na cidade, na simbólica cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado), o

homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a «delícia de viver», ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esforço de uma corrida curta numa tipóia fácil.(...)” (A Cidade e as Serras 423).

O que está, verdadeiramente, em causa é a transformação da sociedade pela denúncia dos seus vícios, das suas patologias sociais, de forma a combater a “miséria portuguesa” de Oitocentos.

Por isso, a personagem Jacinto deixara de esperar a correspondência das coisas, como o refere o narrador: “O parisiânismo enfasiava o meu doce camarada” (A Cidade e as Serras 423). E a grande metrópole era, agora, para Jacinto um lugar de desolação e de tédio, de decadência e engano.

Passando agora a Lisboa, a cidade que é objecto do nosso estudo e centrado-nos sobretudo no episódio final de *Os Maias*, cap. XVIII: é o momento em que o olhar civilizado e fotográfico da personagem Carlos, residente há dez anos em Paris e que se acostumara ao requinte da Civilização, se centra sobre o coração de Lisboa. Traz, talvez, a expectativa de um cenário moderno, de cosmopolitismo, de práticas sociais que a sua experiência urbana integrara em Paris. O seu olhar procura a correspondência das pessoas e das coisas; da paisagem humana e da paisagem urbana, mas o que as coisas lhe devolvem é uma aura não muito diferente daquela que tinha na memória. É o narrador quem o confirma: No Loreto, velho coração da capital, “nada mudara. A mesma sentinela sonolenta rondava em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos resposteiros vermelhos, com braços eclesiásticos pendiam nas portas das duas igrejas” (Os Maias 482).

Mas, apesar disso, Lisboa vai surgindo aos olhos de Carlos diferente, assumindo as formas e as cores que o seu olhar transfere para elas. No momento seguinte, ao passar junto do seu antigo consultório e, filtrado pela saudade, o olhar de Carlos capta outras imagens, carregadas de subjectividade. E, de repente, as coisas, para lá da sua objetividade, assumem uma nova imagem, já não aquela que todos vêem. “Era o consultório, o antigo consultório de Carlos – onde agora, pela tabuleta, parecia existir um pequeno *atelier* de modista. Então, bruscamente, os dois amigos recaíram nas recordações do passado” (Os Maias 482). E a alegria e a fé no futuro, vindas do passado, explodem de significação e dão ao lugar uma nova imagética, uma fotografia nova que se sobrepõe a outras e que se acumulam e constroem cenários instantâneos, pessoais, ao sabor do devaneio, do sonho e da saudade.

Em contrapartida, mais à frente, próximo da Rua Nova do Almada, o olhar irónico, crítico, de Carlos captara indícios de provincianismo numa orgia que Ega defendia calorosamente. “Onde havia melhor, na Europa, em qualquer civilização? Sempre queria ver que se passasse uma noite mais alegre em Paris, na desoladora banalidade do Grand Treize.” Tudo se resumia, na perspectiva de Ega, a uma sensaboria! À sua imagética pessoal de Paris, opunha-se a alegria de Lisboa, porque “o que tornava a vida tolerável era uma boa risada!” (Os Maias 488). Lisboa devolvia-lhe, de facto, a imagem que Ega esperava

da cidade, nimbada da alegria que dá sentido à existência, mas que, segundo Carlos, não coincide, exatamente, com civilização. É que, ao olhar de Ega, estão associadas diferentes expectativas sobre uma manifestação humana que acaba por lhe retribuir o olhar. E a cidade apresenta, para Ega, uma paisagem humana bem diferente daquela que se oferece ao olhar requintado de Carlos.

Veja-se, pois, como as imagens de uma cidade não se resumem ao que é visto na sua objectividade. Com efeito, por trás das imagens oferecidas à objectividade do olhar, existem outras, bem diversificadas, que alteram o seu perfil e que estão em constante mutação.

Em muitos aspectos, as imagens que os dois amigos constroem são, no entanto, coincidentes. Um e outro acabam por reconhecer, já no fim do capítulo, que Lisboa está decadente e, sobretudo, “postixa” (Os Maias 487), sem originalidade, sem o sentimento da proporção, dominada pela impaciência de parecer mais moderna e mais civilizada. (Os Maias 486). E dir-se-ia que as imagens, à custa de tão repetidas, passam a ser, elas próprias, a realidade.

As cidades literárias, que decorrem da interferência do sonho, da utopia, da saudade e até do “pasma”, atitude que Eça de Queiroz considera uma atitude dinâmica são, pois, o que se oferece ao olhar e à imaginação do leitor. Mas, no caso deste autor, são, como facilmente se comprova, construídas pelo desalento e pelo pessimismo; um lugar de atraso e de miséria, a proverbial “miséria portuguesa” que a Geração de 70 denunciou até à exaustão.

Por isso, Lisboa surge aos nossos olhos como um cenário desolador, com uma paisagem humana deprimente, crivada de vícios e de condenáveis práticas culturais, mas cuja depressão se explica, em parte, pela “décalage” entre a objectividade do real e o olhar de quem o contempla.

Interessante é constatar, também, que para outros escritores contemporâneos, mesmo para aqueles que nunca conheceram cidades estrangeiras – Paris, Berlim, Sanpetesburgo -, como é o caso de Cesário Verde, Lisboa é igualmente representada como uma cidade sem encanto, degradada e decadente, relativamente a outros tempos áureos, como é a capital dos Descobrimentos, tal como o Poeta o refere em *O Sentimento de um Ocidental*: “Luta Camões no sul salvando um livro a nado”. No caso de Cesário Verde, contemporâneo de Eça, a construção disfórica da Lisboa do séc.XIX deve-se, em grande parte, ao paralelo feito com a construção literária evocadora de uma outra Lisboa realizada pelo papel determinante da memória.

É por isso que a Lisboa desta Geração surge aos nossos olhos nimbada de negativismo, como, de resto, acontece com a Lisboa da Geração de 90, preocupada como está com a dimensão do higienismo e uma imperiosa necessidade de mudança de hábitos culturais e sociais. É esse o projeto de grandes médicos, como Egas Moniz, Miguel Bombarda e Júlio de Matos. Este, muito especialmente, defende uma doutrina de raiz darwinista, transformista, que triunfa, e que procura imprimir à sociedade decadente e regressiva normas

que acautelem a seleção sexual natural, como forma de fazer triunfar a seleção psíquica. Comprova-o o estudo científico de Ana Leonor Pereira, *DARWIN em Portugal (1865-1914) – Filosofia, História, Engenharia Social* que justifica o empenho destes cientistas pela alteração dos hábitos de vida e práticas culturais da população de Lisboa, em particular, e da população portuguesa, em geral: “Em regra esta elite pensante conservava no horizonte o ideal de eugenia preventiva, segundo a qual nenhuma lei teria a eficácia da decisão individual, tomada de acordo com o “primeiro preceito da *boa animalidade*” (Egas Moniz). Esta norma traduzia-se na renúncia ao casamento e à descendência e na abstenção da paternidade e da maternidade por parte dos indivíduos debilitados, física e psicologicamente. A concretização deste ideal requeria, evidentemente, a formação de uma *consciência eugénica*, pública e privada, directora do comportamento dos indivíduos, em consonância com o seu nível de higidez física e mental” (Pereira 551-552).

A capital portuguesa era, de facto, nesta época dos finais da monarquia, uma cidade triste e “soturna”, para usar ainda a expressão de Cesário Verde, no poema anteriormente citado, sem condições higiénicas, um espaço deprimente, onde grassa a peste e onde pulula uma população “feia, reles, encardida”, devastada pelas doenças, diminuída por patologias sociais e desvios sexuais que os médicos republicanos procuram debelar. É o que Abel Botelho deixa entrever nos seus romances *O Barão de Lavos* e *o Livro de Alda*: uma cidade onde se tece uma complexa rede de relações sociais entre gente de todas as condições e feitios, habitada por uma diversificada população, mal habituada à convivência cidadina. No segundo romance, Abel Botelho faz sobressair os ociosos e vadios, “toda a frustrada população da sombra (que) enxameava nas praças cidadinas (...)” (Botelho 231-232). Lisboa surge, assim, aos olhos do autor como um espaço de degradação e de miséria social e moral.

Outra obra em que Abel Botelho faz a representação do cenário urbano lisboeta é *Próspero Fortuna* em que procede ao diagnóstico da crise social e económica que assola o país. O seu olhar é de profundo desencanto relativamente à ligeireza e futilidade social, à ausência de participação cívica, ao imobilismo deplorável, à passividade abúlica da sociedade lisboeta onde o número de indigentes inválidos se tornava, por vezes, excessivo e um grave problema social, como o afirma Maria Antónia Lopes, em *Os pobres e a assistência pública* (501).

Também neste caso, como em Eça de Queiroz, ao olhar profundamente negativo e disfórico dirigido à cidade por parte destes intelectuais – escritores, médicos, higienistas – chega a correspondência das coisas. E é um cenário degradado que as coisas lhe desenvolvem, de forma objectiva, sem dúvida, mas a que se sobrepõem as cores do seu próprio pessimismo e desencanto.

Por isso, a construção destas cidades literárias, processo de que se servem Eça de Queiroz, Cesário Verde ou Abel Botelho, longe de procurar o deleite em imagens negativas da sociedade decadente e regressiva, pretendem apresentar o estado de degradação

política, social e cultural, reivindicando o valor da Ciência, para renovar, revitalizar e morigerar.

O que está, verdadeiramente, em causa é a transformação da sociedade pela denúncia dos seus vícios, das suas patologias sociais, de forma a combater a “miséria portuguesa” de Oitocentos.

### **Bibliografia**

Benjamin, Walter. *O Anjo da História*. Trad. e edição de João Barrento. *Obras Escolhidas*, Vol. IV. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.

Botelho, Abel. *O Livro de Alda*. Porto: Lello & Irmão-Editores, 1979.

Lopes, Maria Antónia. “Os pobres e a assistência pública”. *História de Portugal*. Dir. de José Mattoso. Vol.5. Editorial Estampa, 1993.

Pereira, Ana Leonor. *DARWIN em Portugal (1865-1914) Filosofia, História, Engenharia Social*. Coimbra: Almedina, 2001.

Queiroz, Eça de. *Obras de Eça de Queiroz - A Cidade e as Serras*. Vol. 1. Porto: Lello & Irmão, s/d.

- - -. *Obras de Eça de Queiroz - Os Maias*. Vol. 2. Porto: Lello & Irmão, s/d.